



OLHARES SOBRE O USO DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: INTERFACES ENTRE GRAMÁTICA E CULTURA ESCOLAR

*Carla Figueira de Souza
Elisandra Barbosa Cabral
Maria das Graças Souza Oliveira
Maria Beatriz Pereira da Silva
Geloesse Correia Gomes Freitas*

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade atual ainda existe uma cultura implícita de que o texto literário facilita a leitura no processo de aprendizagem escolar; de forma que todo texto utilizado em sala de aula passa anteriormente por um processo de seleção. Assim, para que um texto seja entregue e trabalhado com os alunos, algumas prerrogativas devem ser preenchidas, tais como: o conteúdo do texto em si, a temática abordada, a intenção do docente ao apresentar o texto, a integração do texto com o aluno, entre outras. Dessa maneira, a decisão do docente na determinação do que usar ou não como material didático exige muita habilidade e dedicação.

O interesse pelo tema surgiu da necessidade de compreender a cultura escolar, uma vez que as informações chegam hoje à de aula sem muito esforço pelos meios tecnológicos, fazendo com que a leitura, como compreensão crítica da realidade, fique muitas vezes renegada a segundo plano, tornando-se, cada vez mais, um desafio para despertar a compreensão, a assimilação e a construção de conhecimentos. O presente artigo tem como objetivo analisar os modos de trabalho com o texto literário na escola secundária brasileira, em especial, no ensino de jovens.

O primeiro passo para o professor escolher o material a ser utilizado é conhecer seus alunos, ou seja, ele procura conhecer o capital cultural incorporado no habitus (Bourdieu, 1999) dos alunos. Para tanto, o docente pesquisa os gostos e preferências musicais deles e escolhe uma canção que seja ao mesmo tempo conhecida e significativa dentro do conteúdo a ser ministrado. Cumprindo esses parâmetros, é possível encontrar textos que levem os alunos a pensar, refletir e expressar suas opiniões de maneira mais natural e até mesmo lúdica.

De tal modo, sabe-se que o conhecimento é construído, usando um texto que já é parte integrante do capital cultural incorporado como moeda de troca de conhecimento espontâneo. Por outro lado, busca-se também uma extensão desse capital cultural por meio da objetificação da música. Isso ocorre quando o professor decide usar um texto que é objeto de interpretação dos alunos e que, no entanto, não faz parte de seu capital cultural incorporado. A ideia de trabalhar com esse tipo de texto é a expansão do capital cultural, baseada na construção simbólica do conhecimento pelos alunos. Dessa forma, busca-se minimizar os efeitos dessa violência simbólica.

A ideia de trabalhar com esse tipo de texto é a expansão do capital cultural, baseada na construção simbólica do conhecimento pelos alunos. Dessa forma, busca-se minimizar os efeitos dessa violência simbólica.

No entanto, percebe-se que, na escola, todas as aulas têm uma razão e uma intenção específicas e que, de alguma maneira, estão intrinsecamente ligadas à gramática e à cultura da

escola. Por esse motivo, para este artigo, entendemos o conceito de Bourdieu de campo para determinar o que vem a ser a escola.

GRAMÁTICA E CULTURA DA ESCOLA

Historicamente, a instituição responsável pela educação dos indivíduos nas sociedades modernas são as escolas. Os conceitos de “gramática escolar” e “culturas escolares” explicam a natureza estável e relutante das mudanças apresentadas pelas instituições de ensino. Os referidos conceitos são de recorrência obrigatória para estudos no ensino médio.

No estudo sobre reformas educacionais nos Estados Unidos da América, Tyack e Cuban (2001) mostraram que, apesar das reformas, existem certos aspectos da organização escolar que permanecem inalterados. Tyack e Cuban (2001), entendem a gramática escolar como “a estrutura organizacional que determina como os professores realizam seu trabalho” (op. cit, p.169) ou, mais precisamente, como os aspectos básicos da escolaridade que permaneceram estáveis ao longo das décadas: as formas das salas de aula, definidas como, (...) a maneira pela qual as escolas dividem tempo e espaço, classificam os alunos e os atribuem a diferentes salas de aula, dividem o conhecimento por disciplinas e atribuem notas e créditos como prova de que eles aprenderam (op. cit., p.167).

A gramática escolar foi um produto da história e sua resistência à mudança se deve ao fato de tornar previsível o que estava acontecendo na escola e nas salas de aula com professores e alunos. Ela define os recursos necessários de uma escola autêntica: Eles são estabelecidos pelo costume diário nas escolas e por forças externas, tanto por mandatos legais quanto por crenças culturais, até que não sejam mais perceptíveis. Eles simplesmente se tornam do jeito que as escolas são (op. cit., p.170).

Ela provou ser notavelmente durável diante das propostas de reforma, e contribuíram para isso as crenças institucionais e culturais e personalizadas sobre os recursos necessários que compõem uma verdadeira escola. A maneira como as escolas dividem tempo e espaço classificam os alunos e os atribuem a diferentes salas de aula, dividem o conhecimento por assunto, dão notas e créditos como prova de que aprenderam.

De acordo com Antonio Viñao Frago (1997) o conceito de “cultura escolar” para dar conta das tradições, rituais e princípios que permanecem e não podem ser alterados pelas tentativas de reforma, relativizando a ideia de que as mudanças que ocorrem devem ser exclusivamente a essas tentativas.

Se o conceito de gramática escolar nos permite apreender a estabilidade das instituições educacionais e explica o porquê da sua resistência em mudar ou a hibridização do novo para o antigo, o conceito de cultura escolar nos permite mostrar as mudanças que as escolas experimentaram ao longo do tempo. Assim, se entende que as instituições educacionais são — entre muitas outras possíveis — uma combinação de tradição e mudança (Viñao, 1997).

Nesse processo, compreende-se que a cultura escolar está formada por teorias, ideias, princípios, normas, diretrizes, rituais, inércias, hábitos e práticas sedimentadas ao longo do tempo e não questionadas e compartilhadas pelos atores no interior das instituições de ensino (Viñao, 2006). Ela se refere às maneiras de fazer e pensar compartilhadas, aprendidas através da experiência, e seus traços característicos seriam continuidade e persistência no tempo.

Apesar do sentido de construção ou significado único a que se refere, Viñao (1997, 2006) entende que é mais importante falar das culturas escolares porque as instituições educacionais têm características que as diferenciam umas das outras. Ou seja, apesar de haver uma cultura escolar única que se refira às instituições de ensino de um determinado momento e local, é preferível falar no plural, porque cada escola tem sua própria cultura específica e características peculiares que a diferenciam das demais. Além disso, culturalmente são baseados em leis e projetos comuns. Rockwell (2009) aponta que, apesar da aparente homogeneidade demonstrada pela documentação burocrática e regulamentos normativos, a cultura escolar é diversa e está mudando.

Com traços culturais específicos, podem ser reconhecidas nas instituições ideias e práticas que levam à proposição de que não existem duas escolas, faculdades, institutos, universidades ou colégios exatamente iguais. Ou seja, como não há receita para os professores trabalharem da mesma maneira. É sabido que são pessoas com histórias de vida, treinamento, educação, valores, características físicas e biológicas próprias e não se pode esperar que realizem seu trabalho da mesma maneira.

Como se pode reconhecer que cada escola ou instituição é um universo diferente, também podemos perceber que os professores são pessoas que reagem de maneira diferente entre si por suas maneiras de pensar, sentir, perceber, fazer e dizer.

Assim, com a diversidade do *habitus* e, conseqüentemente, do capital cultural incorporado de cada instituição de ensino, temos a impossibilidade de um currículo único e inflexível. Entretanto, é importante trabalhar a partir do *habitus*, seja do professor como do aluno, para que o aprendizado seja realmente efetivo.

Nesse sentido, têm-se em mente que a chamada cultura escolar é permeada pela família e pela educação escolar do aluno, bem como pela intervenção de agentes teoricamente externos, como o Estado, os patrocinadores da educação brasileira, como o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) e até mesmo os próprios pais dos alunos.

Sabe-se que a moeda de troca para a objetivação do capital cultural não é o conhecimento, mas o uso que dele será feito a posteriori. Portanto, afirmamos que o capital cultural institucionalizado no Brasil tem como premissa a soma oficial entre o capital cultural incorporado e o capital cultural objetivo do aluno, diante de uma estrutura de classes.

Especificamente, ao pesquisar o ensino médio, a responsabilidade do professor é maior do que em qualquer outro segmento educacional por trabalhar com a classe trabalhadora brasileira. Trabalhar com alunos de um modo geral é um grande desafio, pois eles estão em processo de

construção e elaboração de conhecimentos. Ensiná-los é desafiador e, para isso, é essencial estabelecer uma relação de confiança em que eles percebam que são, além dos estudantes, pessoas com potencial e que podem contribuir significativamente para o seu próprio desenvolvimento crítico e social.

ANÁLISE DO TEXTO DA MÚSICA

Ao escolher uma música para levar para a escola no ensino médio, é importante pensar com que maneiras podemos trabalhar com os jovens e que ela tenha uma mensagem para colaborar, seja por um momento de integração e ou conhecimento. Para tanto, pensar em algumas ideias das quais fazem parte da rotina diária da sala de aula.

A música escolhida é uma das mais ouvidas nas rádios do Brasil em 2000. Ainda está no ranking musical por sua mensagem e também pela história do grupo musical de autoria, O Rappa. Especificamente, a música fala sobre violência nas ruas por aqueles que devem nos proteger, mas eles não fazem isso como deveriam.

“MINHA ALMA (A PAZ QUE EU NÃO QUERO)”

Letra: Marcelo Yuka

A minha alma tá armada
E apontada para a cara
Do sossego
Pois paz sem voz
Paz sem voz
Não é paz é medo
Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar Para tentar ser feliz (x4)
As grades do condomínio
São para trazer proteção,
Mas também trazem a dúvida
Se é você que está nessa prisão
Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo,
Mas não me deixe sentar
Na poltrona no dia de domingo, domingo
Procurando novas droga
De aluguel nesse vídeo
Coagido é pela paz
Que eu não quero
Seguir admitindo
É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir
Admitindo.

A letra da música é forte. O tema central é a paz, mas é uma paz oprimida, cheia de medo e que não faz parte do cotidiano das grandes cidades. O medo está presente entre as pessoas e o

silêncio que existe é uma das maneiras de ignorar as diferenças sociais entre a classe popular e a classe média alta que estão presas em condomínios de luxo.

O vídeo é chocante e retrata um fragmento do que é vivido até hoje nas ruas do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e outras capitais brasileiras.

Para isso, as músicas são trabalhadas nas escolas em diversas áreas. Nas Ciências Sociais com o objetivo de apresentar, valorizar e aprender sobre a cultura local, regional e estadual. Por exemplo, no campo da Geografia, é possível debater o mapeamento espacial dos lugares retratados na poesia, os espaços de conflito e, ao mesmo tempo, a legitimação dos atores sociais, ocupando-os física e poeticamente. A demarcação dos territórios e os jogos de poder que ali eclodem, e as táticas de sobrevivência que cada praticante utiliza cotidianamente nesse território (Certeau, 1994).

Já em Filosofia, explora-se pensando no que é vivido e, também, no que pode ser conhecido e desejado a partir desse tipo de literatura. A expressão e materialização de sentimentos diversos.

Na Sociologia, são os fatos, atitudes e interações sociais entre os sujeitos no contexto sociopolítico-cultural que servem como instrumentos de reflexão nos cotidianos.

Com a História, vive-se o tempo como representação e memória de eventos e fatos, tanto do passado quanto do presente, que são a base para se pensar no futuro. Conhecimento e reflexão dos fatos que são uma parte significativa de nossas histórias.

A Biologia como ciência trabalha tentando desvendar os próprios mistérios da vida e também como porta para novas descobertas para os problemas biofísicos do homem moderno.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's) como elo de interação entre os sujeitos. A tecnologia propicia uma série de possibilidades, contudo, uma parcela dos estudantes ainda pensa que, para algumas profissões, não será necessário o desenvolvimento de certas habilidades, como ler e compreender os textos dispostos na sociedade. Sentem-se incomodados quando os professores pedem para interpretar o que leram. Porém, se esquecem que saber bem o português e interpretá-lo é primordial.

Em nossa língua materna, o português, o vocabulário, as maneiras pelas quais cada região do Brasil se apropria de um texto literário e de vários termos gramaticais, além de fixar a própria língua com todas as suas regras e concordâncias nominais são fundamentais em sua totalidade, como: a escrita, a fala, o canto, a expressão corporal, a expressão artística pelos modos como se vestem, penteiam e maquiam, eles procuram retratar os fatos da vida cotidiana e também as suas responsabilidades como sujeitos sociais.

A música faz parte da vida de muitos de nossos jovens que chegaram ao ensino médio; para eles, ser capaz de resolver esses problemas com uma música é uma das maneiras de mostra que, além de todos os muros construídos para proteger os ricos, as pessoas ainda têm medo de si mesmas e de outras pessoas que estão do outro lado das paredes. Assim, o medo é uma sensação constante e a paz é algo a ser conquistado.

O mais impressionante dessa música é a reflexão crítica que ela faz da realidade da maioria das capitais brasileiras. O texto mostra que a atual luta pela segurança está na direção oposta do que deveria. Em outras palavras, temos um capital cultural embutido que é o mesmo medo de violência ou coisas negativas que podem nos acontecer na vida. Objetivamente, tentando nos proteger através das grades, quando, na realidade, devemos tentar resolver o problema da violência que está muito além do que vivenciamos em nossas vidas diárias.

No final, quanto mais chegamos à classe dominante, mais presos ficamos em nossas próprias casas, em nossos carros e em nossas práticas. É um hábito que foi construído em defesa da violência e de forma pacífica não para a qualidade de vida, mas para aceitação das normas sociais. Essa dinâmica faz parte do jogo simbólico. Portanto, o que não se pode é deixar o medo, as múltiplas formas de violência se naturalizarem em nossa sociedade, e, mais ainda, em nossas instituições de ensino como algo culturalmente arraigado, longe de mudanças sociais, políticas e educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com textos musicais com alunos jovens do ensino médio é muito importante para a escola. É uma maneira eficiente de atingir esses alunos que estão em fase de transição, até mesmo pela idade, e trabalhar conceitos e conteúdos éticos. Temáticas consideradas difíceis de serem abordadas em sala de aula podem se tornar mais leves com o uso da música. Quando o professor consegue entender o capital cultural incorporado em seus alunos, ele consegue eleger músicas que causem, antes de tudo, a possibilidade de apropriação dos jovens. E, quando o aluno se apropria do conteúdo, é possível trabalhar os conceitos implícitos nele de maneira lúdica, indireta e altamente eficaz. O aluno grava/memoriza a canção, a escuta dentro e fora da sala de aula e, certamente, se lembrará de alguns momentos da discussão realizada na escola. Como educador, a missão do professor é levar o conteúdo/informação em um contexto significativo, com base no que já é conhecido por promover novos conhecimentos e, assim, provocar reflexões críticas a partir da sociedade em que se vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. Escritos de **Educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- O RAPP. **Minha Alma: a paz que eu não quero**. [Gravado por O Rappa], em Perfil: coletânea [CD]. Rio de Janeiro, Som livre/Waner, 2009. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/o-rappa/minha-alma-a-paz-que-eu-nao-quiero.html#ixzz36MikFIeN>, acesso em 30/06/2020, às 21:47hs.
- ROCKWELL, Elsie. **La Experiencia Etnográfica: historia y cultura en los procesos educativos**. Edición, 1ª ed. Publicación, Buenos Aires: Paidós, 2009.
- TYACK, D. y Cuban, L. **En busca de la utopia: un siglo de reformas de las escuelas públicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

VIÑAO, A. **Las instituciones y culturas escolares en su perspectiva socio-histórica: tradiciones y cambios.** En M. Fernández Enguita (Coord), Sociología de las Instituciones de Educación Secundaria 11, Barcelona: Horsori Editorial, 1997.

———. **Sistemas Educativos, Culturas Escolares y Reformas.** Morata: Madrid, 2006

sso em 03.mar.2019